



O Essencial sobre um Estágio na Imprensa Nacional

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

João Narciso

Março 2025

Relatório de estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Pedro Sepúlveda.

Agradecimentos

Um agradecimento muito especial à Paula Mendes e à Ana Reis-Sá, pelos ensinamentos, pela paciência e pelo apoio. Obrigado ao professor Pedro Sepúlveda, pela orientação e pelo auxílio sempre que foi necessário. Obrigado à Teresa e à Mariana. Obrigado aos pais e à Rita.

Agradeço também a todos os professores do mestrado em Edição de Texto que contribuíram para que melhor conhecesse o ofício de editar livros. Um último, mas não menos importante, obrigado a toda a equipa da Unidade de Edição e Cultura da INCM.

Resumo

Este relatório tem por objectivo dar a conhecer o essencial sobre o trabalho editorial que desenvolvi nos três meses de estágio curricular na Imprensa Nacional, a marca editorial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Tentarei explicar as nuances da revisão de texto de dois livros com características muito distintas: uma reunião de romances previamente publicados e um texto original de carácter biográfico. Neste estágio pude ainda contribuir para o licenciamento de imagens para uso editorial, apoiar a procura de originais de imagens para integrarem uma publicação e ficar a conhecer o *modus operandi* de uma editora com mais de duzentos anos de história. A descrição das tarefas do estágio é acompanhada, pontualmente, por reflexões críticas acerca da experiência, da qual é feito um balanço nas considerações finais.

PALAVRAS-CHAVE: Revisão de texto; Publicação de livros; Imprensa Nacional.

Abstract

This report aims to describe the main aspects of the editorial work conducted during my three-month internship at Imprensa Nacional, the publishing house of Imprensa Nacional-Casa da Moeda. I will explain the nuances of proofreading two books with very different characteristics: a collection of previously published novels and an original biographical text. During this internship, I could also contribute to the licensing of images for editorial use, support the search for original images to be included in a publication, and get to know the *modus operandi* of a publishing house with over two hundred years of history. The description of the internship tasks is occasionally accompanied by critical reflections on the experience, which are summarized in the final remarks.

KEYWORDS: Proofreading; Book publishing; Imprensa Nacional.

Índice

1. Introdução	6
2. A Imprensa Nacional no contexto editorial português	7
3. Trabalho editorial	10
3.1. Obras completas de Maria Isabel Barreno	11
3.2. Augusto Vieira da Silva. Engenheiro Olisipógrafo.....	12
3.3. Dança e Política no Século XX	15
3.4. Riso, Troça e Aplauso	17
3.5. Outras aprendizagens.....	18
4. Considerações finais	21
5. Bibliografia	23
6. Anexos	24

1. Introdução

Sabe como fazer uma pequena fortuna editando livros? Começa com uma grande fortuna, depois vai editando livros até ter uma pequena fortuna.¹

Zeferino Coelho

Entre Setembro e Dezembro de 2024 tive a oportunidade de estagiar na Imprensa Nacional enquanto assistente editorial. Este estágio curricular correspondeu à componente não lectiva do Mestrado em Edição de Texto. Integrei a Unidade de Edição e Cultura, responsável pelo trabalho editorial e co-responsável pela componente de serviço público da empresa. O estágio decorreu em regime de tempo integral nas instalações da Imprensa Nacional, no Príncipe Real.

O objectivo do estágio não se limitava a ficar a conhecer o contexto de trabalho de uma editora, mas aprender por via da prática: executei tarefas com implicações directas na actividade editorial. A proposta era executar as mesmas tarefas que qualquer editor da Imprensa Nacional, o que só parcialmente aconteceu. Não obstante, durante estes três meses participei na edição de quatro livros, com diferentes níveis de envolvimento. Fiz essencialmente trabalho de revisão de texto, mas também de obtenção de direitos para utilização de imagens e apoio à procura de originais de imagens. Pude ainda aprender sobre várias áreas da empresa, tendo sido particularmente relevantes as visitas à unidade gráfica e à pré-impressão — dois estádios fulcrais no processo de concepção do livro.

Neste relatório, começarei por contextualizar a Imprensa Nacional no panorama editorial português, apresentando sumariamente a sua história, estrutura e proposta editorial. Segue-se uma descrição detalhada das tarefas que desempenhei ao longo do estágio, dividida pelos quatro livros em que trabalhei: o primeiro volume das *Obras Completas de Maria Isabel Barreno; Augusto Vieira da Silva. Engenheiro Olisipógrafo*, de Elisabete Gama; *Dança e Política no Século XX*, de Maria João Castro; e *Riso, Troça e Aplauso*, de Maria Virgílio Cambraia Lopes. Tentarei expor, de igual modo, outras aprendizagens que fiz durante o estágio fora do contexto destes livros. Terminarei com uma reflexão sobre o que levei deste estágio e sobre as particularidades da actividade editorial da Imprensa Nacional.

¹ Esta citação poderá não corresponder exactamente à sua formulação original, uma vez que se trata de uma piada de Zeferino Coelho dirigida a Duarte Azinheira, que a contou em diversas apresentações de livros a que assisti.

2. A Imprensa Nacional no contexto editorial português

A Imprensa Nacional é a editora mais antiga do panorama editorial português. Começou a sua actividade em 1768, com o estabelecimento da Imprensa Régia, que em 1833 passaria a designar-se Imprensa Nacional.² É uma editora pública, o que torna o seu *modus operandi* e a sua linha editorial diferente das demais editoras portuguesas. Não é necessário ser um ávido leitor para ter contacto com trabalho da Imprensa Nacional — sendo uma editora inserida numa empresa de serviço público, é da sua responsabilidade conceber e imprimir vários documentos oficiais do Estado português: o Diário da República, os boletins de voto, os selos fiscais de alta segurança para tabaco ou ainda o *bestseller* da casa, o Livro de Reclamações. Mesmo assim, o seu raio de acção é muito maior.

Em 1972 a Imprensa Nacional fundiu-se com a Casa da Moeda, dando origem à sociedade anónima de capitais públicos Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM). A empresa adquiriu então uma nova dimensão, passando a actuar num maior número de áreas de negócio. A Imprensa Nacional é «apenas» a marca editorial da INCM. Na organização da empresa, a editora faz parte da Unidade de Edição e Cultura que, a par da Unidade do Diário da República e da Unidade de Contrastaria e Fiscalização, constitui a vertente de serviço público da INCM. A Unidade de Edição e Cultura inclui a editora, a biblioteca da Imprensa Nacional, o Museu da Casa da Moeda, um pequeno departamento de comunicação, bem como profissionais dedicados à investigação e arquivo.

As instalações da Imprensa Nacional situam-se no Príncipe Real, em Lisboa, no cruzamento da Rua da Escola Politécnica com a aquela à qual cedeu o nome, a Rua da Imprensa Nacional. O edifício histórico alberga a biblioteca, um pequeno espaço para exposições, parte da Unidade Gráfica, uma cantina, vários gabinetes, a Unidade do Diário da República e a Unidade de Edição e Cultura.

A Unidade de Edição e Cultura é dirigida por Cláudio Garrudo, mas é a editora-chefe Paula Mendes quem coordena a equipa editorial, composta por quatro editoras internas (Ana Reis-Sá, Clara Vilar, Susana Arnaud e Susana Toureiro) e três editores em regime de prestação de serviço (Afonso Reis Cabral, Diogo Morais Barbosa e Jorge Reis-Sá). A auxiliar a equipa editorial, a Imprensa Nacional conta com uma pessoa dedicada à gestão da produção gráfica e certificações (Carla Gomes), outra exclusivamente dedicada a contratos de edição e direitos de autor (Margarida Simões), duas pessoas dedicadas a

² «História», INCM, 23 de Maio de 2023, <https://incm.pt/site/historia/>.

trabalhos de secretaria e administrativos (Daniela Paiva e Ana Cristina) e outra exclusivamente dedicada à revenda e distribuição dos livros (Marta Freches).

A Imprensa Nacional distribui os seus livros através de uma empresa de distribuição, a VASP. Embora seja uma solução mais onerosa, dada a dimensão do fundo de catálogo de uma editora com tantos anos no activo, a empresa considerou ser o mais prático. A Imprensa Nacional conta com quatro livrarias em território nacional (duas em Lisboa, uma em Coimbra e outra no Porto)³ e uma livraria *online*. Marta Freches faz o contacto entre a distribuidora e as livrarias que vendam livros da Imprensa Nacional, assegurando também que existem livros para venda em apresentações de livros e noutros eventos em que tal seja pertinente.

A Unidade de Edição e Cultura conta ainda com uma pessoa responsável pela Comunicação, uma pessoa responsável pelo grafismo de comunicação, uma pessoa dedicada à biblioteca, um tradutor, quatro investigadoras e com a responsável pelo museu digital Casa da Moeda.

Sendo uma editora pública, a Imprensa Nacional tem um papel essencialmente supletivo, ou seja, complementa a oferta de livros com títulos que sem apoio público dificilmente entrariam no mercado. Várias vezes ouvi Duarte Azinheira, actual administrador de INCM, referir em apresentações de livros que a Imprensa Nacional não pretende competir com as editoras privadas. A sua missão é promover e preservar a língua e cultura portuguesa, publicando textos relevantes, mas que à partida não têm grande retorno financeiro.

Numa lógica mais institucional, muitos dos livros da Imprensa Nacional são feitos em parceria com museus, teatros, câmaras municipais, associações desportivas, centros de investigação ou organismos do Estado. É de salientar a proximidade da editora ao mundo académico, publicando importantes ensaios — as colecções *Olhares e Pessoaana* são disso exemplo — e edições críticas, como as da obra de Camilo Castelo Branco, Fernando Pessoa ou Eça de Queirós. A colecção *Grandes Vidas Portuguesas*, feita em parceria com a editora Pato Lógico, dá a conhecer ao público infanto-juvenil figuras importantes da história de Portugal — um compromisso pedagógico característico da Imprensa Nacional. Pensada para um público generalista, a colecção *Essencial* (que empresta o nome a este relatório) é uma das mais antigas na editora e disponibiliza, por um preço acessível, pequenos livros que explicam de forma resumida vários temas da cultura

³ Estas livrarias não vendem exclusivamente livros da Imprensa Nacional, embora a grande maioria o seja.

portuguesa, tão diversos como o Sistema Nacional de Saúde, a revista Seara Nova, o escritor Ruben A. ou a Constituição de 1822. A Imprensa Nacional atribui anualmente seis prémios literários, que se propõem distinguir obras em língua portuguesa no espaço lusófono.⁴

Estes são apenas alguns exemplos demonstrativos de que a linha editorial da Imprensa Nacional segue uma lógica de serviço público, em lugar de uma lógica de mercado. Também no modo como as decisões editoriais são tomadas, a Imprensa Nacional diferencia-se das restantes editoras: o plano editorial não é unilateralmente definido pela editora-chefe, mas sim discutido com o Conselho Editorial. Este funciona como um órgão consultivo que, para além da Paula e do Cláudio, é composto por dez personalidades ligadas ao mundo literário e académico, como Isabel Alçada, Ivo Castro, Fernanda Rollo ou Pedro Mexia. Ao longo do ano, a Paula e o Cláudio debatem com o Conselho Editorial que livros devem vir a integrar as diferentes colecções, a criação de novas colecções e a que projectos a editora deve dar seguimento, atendendo às solicitações que recebe para edições em parceria (livros por ocasião de eventos comemorativos ou catálogos de exposições são solicitações frequentes). Reunindo estes contributos, no final de cada ano a editora-chefe e o director apresentam ao Conselho Editorial o plano editorial para o ano seguinte, que o aprova com ou sem alterações. A Imprensa Nacional edita aproximadamente 70 livros por ano.

⁴ O Prémio Imprensa Nacional/Vasco Graça Moura distingue rotativamente obras de Poesia, Ensaio e Tradução. O Prémio Imprensa Nacional/Eugénio Lisboa é destinado à produção literária moçambicana e o Prémio Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Angola destinado à produção literária angolana. Em Cabo Verde, o Prémio Literário Arnaldo França distingue prosa literária e o Prémio Literário Infantojuvenil Manuel Lopes distingue a criação literária e a ilustração dirigida ao público infanto-juvenil. O Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro distingue obras de autores portugueses residentes no estrangeiro ou lusodescendentes.

3. Trabalho editorial

Durante o estágio, sem que ninguém mo tenha dito, assumi sempre a posição de «assistente editorial estagiário», ainda que as minhas colegas editoras se referissem a mim apenas como «estagiário». Esta assunção provavelmente partiu da minha expectativa para o tipo de tarefas a realizar no estágio, mas a verdade é que a linha que separa o trabalho do editor da do assistente editorial é, por vezes, ténue. Tradicionalmente, o editor é visto como o agente com maior responsabilidade, mas também com maior liberdade criativa: cabe-lhe definir a linha editorial, ler originais ou planificar as actividades da editora. O assistente editorial ocupa uma posição mais operacional, fazendo a ponte entre os vários agentes envolvidos na elaboração de uma obra — autores, tradutores, revisores, paginadores, etc. —, assumindo a coordenação editorial⁵, ou estando mais vocacionado para o trabalho com o texto, como revisão linguística ou introdução de emendas. Esta distribuição de tarefas varia de editora para editora, não sendo incomum a acumulação de algumas destas funções numa só pessoa em organizações mais pequenas.

Segundo esta lógica (não isenta de alguma subjectividade), na Imprensa Nacional pode considerar-se que a editora-chefe desempenha as funções tipicamente atribuídas à figura do editor, sendo que as editoras asseguram a coordenação editorial, muitas vezes delegada aos assistentes editoriais. Uma vez definido o plano editorial de cada ano, é designada uma editora responsável por cada livro, que deve finalizá-lo dentro do prazo previsto e do orçamento estipulado. A editora-chefe assume a coordenação editorial de alguns livros, mas em menor número, por ter outro tipo de responsabilidades. A revisão de texto e a paginação são, na maioria das vezes, feitas externamente, mas podem ser asseguradas por colegas do Diário da República com competências para o efeito ou, excepcionalmente, pelas editoras. De salientar que algumas destas responsabilidades podem ser partilhadas com as instituições parceiras do livro, caso existam. Por exemplo, no caso da colecção *Olisipógrafos. Os Cronistas de Lisboa*, o *design* e a paginação são da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa.

Terminado o estágio, reconheço que teria sido mais fidedigno ter assinado os meus *emails* como «editor estagiário», já que desempenhei as funções de editor aprendiz, no contexto da Imprensa Nacional. Nestes três meses fiquei responsável pela coordenação editorial de um livro e apoiei a edição de outros três.

⁵ Por coordenação editorial quero dizer o acompanhamento dos vários estágios da produção do livro, do início ao fim do processo editorial.

3.1. Obras completas de Maria Isabel Barreno

Em 2025 inicia-se mais um ciclo da edição das obras completas de autores portugueses pela Imprensa Nacional. Depois de Maria Ondina Braga, Vitorino Nemésio ou Bocage, junta-se agora ao catálogo da editora a escritora lisboeta Maria Isabel Barreno. Além de co-autora de um dos mais influentes livros da literatura portuguesa do século XX, *Novas Cartas Portuguesas*, Maria Isabel Barreno dedicou-se essencialmente à escrita de romances. O primeiro volume da reunião da sua obra completa conta com três deles: *Crónica do Tempo* (Editorial Caminho, 1990), *O Senhor das Ilhas* (Editorial Caminho, 1994) e *Vozes do Vento* (Sextante Editora, 2009). A coordenação científica da colecção está a cargo da investigadora Ana Rita Sousa, que decide o conteúdo de cada volume e participa no processo de revisão de texto, enquanto especialista na obra da autora.

A minha primeira tarefa na Imprensa Nacional foi iniciar a revisão de texto a partir dos (também) recém-chegados OCRs (sigla em inglês de Reconhecimento Óptico de Caracteres). A revisão foi feita em paralelo por mim e pela coordenadora científica: para cada livro eu fiz uma revisão, a Ana Rita Sousa fez outra, depois chegámos a uma versão melhorada com o contributo dos dois. Reunidos os três livros, fiz uma última revisão, destinada a resolver problemas levantados por ambos e a homogeneizar expressões que variavam nos três livros.

No processo de reconhecimento óptico de caracteres ocorrem frequentemente erros, seja devido ao insuficiente espaçamento entre caracteres ou à reduzida qualidade das imagens a partir das quais se gera o texto. Na revisão pude encontrar pontuação e acentos em falta ou incorrectamente assinalados (Anexos 1 e 2), letras incorrectamente reconhecidas (frequentemente assumindo a letra *m* pelo par de letras *rn*, como demonstra o Anexo 3), palavras em falta ou a mais (Anexo 4) ou espaços e parágrafos incorrectamente assinalados (Anexo 5). Embora seja uma ferramenta indispensável para reedições como esta, o OCR pode dar origem a erros grosseiros, difíceis de detectar sem o cotejo com o original, como a omissão de palavras ou letras que não retiram a coerência sintática ao texto.

Todos os livros deste volume foram escritos seguindo o Acordo Ortográfico de 1945, ao passo que a Imprensa Nacional segue o Acordo Ortográfico de 1990. Nesse sentido, parte significativa da minha revisão passou também por fazer a actualização ortográfica. Nos casos em que a dupla grafia é aceite, optou-se por manter a original.

As anteriores edições impressas continham também erros ortográficos e gramaticais. As correcções ortográficas não geraram discussão, mas assim não aconteceu com as correcções gramaticais. Se para mim era evidente que as alterações deveriam ser feitas, para a coordenadora científica alterar o texto de uma escritora que não está viva (e que, portanto, não pode dar o seu consentimento) é algo que merece algum cuidado. Será pertinente dar a conhecer aos leitores as imperfeições da escrita de Maria Isabel Barreno? Ou privilegia-se a clareza, fazendo as alterações? Qualquer texto tem imperfeições, mas parece-me que a revisão serve justamente para torná-las menos evidentes.

O caso que gerou mais discussão foi a confusão frequente entre a expressão «ter de», que exprime uma necessidade ou desejo, e a expressão «ter que», que equivale a dizer «ter algo para». Maria Isabel Barreno escreve na grande maioria das vezes a formulação «ter que» com o significado de necessidade ou desejo, um erro transversal aos três livros que revi (exemplo no Anexo 6). Quando terminei a revisão do primeiro livro, sugeri que se optasse pela formulação correcta nas frases da narradora, mas deixar o erro nos diálogos, onde a gralha poderia passar por uma aproximação à oralidade, mais propensa a descuidos gramaticais. A sugestão não foi aceite pela coordenadora científica, que deu a entender que a questão era ambígua, inclusivamente que no norte do país se usava a expressão «ter que» nos dois contextos — argumento que me pareceu pouco convincente, já que Maria Isabel Barreno era lisboeta. A política na Imprensa Nacional nestas situações é a de que, após discussão, a palavra final é sempre da coordenação científica, responsável pela fixação do texto, pelo que a formulação permaneceu como estava nas edições anteriores. Outras emendas do género, como confusões entre «por que» e «porque», «de mais» e «demais» ou incorrecto emprego do particípio passado (Anexo 7), foram mais facilmente aceites.

3.2. Augusto Vieira da Silva. Engenheiro Olisipógrafo

No primeiro dia do estágio a Paula informou-me de que um dos seus objectivos era que eu ficasse responsável pela coordenação editorial de um livro, isto é, que acompanhasse os vários estágios da edição do livro. Só não sabia ainda que livro seria esse. Na terceira semana do estágio informou-me de que o livro seria o *Augusto Vieira da Silva. Engenheiro Olisipógrafo*, o terceiro livro da colecção *Olisipógrafos. Os Cronistas de Lisboa*, dedicada a biografias de estudiosos dos assuntos lisboetas. A autora, Elisabete Gama, integra o Gabinete de Estudos Olisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa, instituição parceira desta colecção.

A primeira tarefa foi a revisão do texto original, uma revisão que diferiu bastante da que fiz nos livros de Maria Isabel Barreno: se nos últimos a revisão se centrou na correcção de erros ortográficos e gramaticais, no livro de Elisabete Gama assumi um papel mais interventivo. Numa primeira linha de acção, fiz a revisão ortográfica e gramatical, com o auxílio do Manual de Estilo da Imprensa Nacional e dos anteriores livros da colecção. A INCM dispõe de um livro de estilo que, embora tenha sido redigido em 2009 e não contemple as alterações do Acordo Ortográfico de 1990, foi um importante guia para a revisão. Alguns exemplos de alterações feitas nesta fase incluíram: passagem da letra inicial para caixa baixa em nomes de cargos ou profissões, alteração do tipo de aspas (curvas par angulares), correcção de abreviaturas (como eng.º, n.º ou N.ª S.ª), correcção do posicionamento das chamadas de nota de rodapé no texto ou o emprego de versaletes. O estilo utilizado nas entradas da bibliografia e nas referências em nota de rodapé diferia do usado nos anteriores livros da colecção, pelo que também fiz esse (demorado) trabalho de homogeneização. Neste aspecto considerei o Manual de Estilo da INCM incompleto, com falta de orientações sobre citações e referências, o que se traduz na ausência de uma norma comum aos vários livros da editora.

Paralelamente, fiz sugestões de alterações mais profundas ao texto: reformulação de frases, alterações na pontuação e na disposição da informação ou eliminação de excertos redundantes ou pouco relevantes. Talvez por ser historiadora, a autora dedicou muito texto a contextualizações históricas, com um nível de detalhe que por vezes nos⁶ pareceu excessivo. Alguns exemplos são a indicação da data de nascimento e morte de praticamente todas as pessoas mencionadas no livro, a menção à data de aprovação dos estatutos sempre que era apresentada uma organização (Anexo 8) ou a descrição completa do plano curricular do curso de Engenharia Militar feito por Augusto Vieira da Silva (descrição que ocupava aproximadamente uma página e que pode ser parcialmente vista no Anexo 9).

A autora esmiuçou também alguns aspectos da vida de Augusto Vieira da Silva de uma forma que nos pareceu demasiado exaustiva: por exemplo, ao apresentar uma tabela com a classificação de Augusto às várias cadeiras do curso (Anexo 10) ou transcrevendo, em português antigo, uma lista de obras em betão armado feitas sob a sua direcção, entre 1910 e 1919 (lista que ocupava aproximadamente seis páginas e que pode ser parcialmente vista no Anexo 11). Em ambos os casos sugeri substituir estes excertos pelas

⁶ Sempre que duvidada da pertinência de algum conteúdo do livro, debatia o assunto com a editora Ana Reis-Sá, que me apoiou no processo de revisão.

imagens dos documentos originais, de modo a manter visível a informação, mas apresentando-a num formato que torna a leitura integral dispensável.

A abordagem da autora não estava errada *per se*, este tipo de informação poderia ser pertinente numa monografia dedicada a um público especializado. Contudo, sentimos que desvirtuava o espírito generalista da colecção, que pretende dar a conhecer a um público vasto a vida e obra de olisipógrafos. O original continha também várias enumerações em formato de lista e tabelas, que sugeri passar para texto corrido para, mais uma vez, manter o estilo dos anteriores livros da colecção. Foi ainda frequente encontrar informação que se repetia no corpo do texto e nas notas de rodapé. Nestes casos privilegiei manter a informação no corpo do texto (se pertinente), já que as notas de rodapé eram muitas e algo extensas, evitando que o espaço dedicado às notas fosse excessivo.

Após a primeira revisão, a Ana e eu reunimos com a autora e com uma representante da Câmara Municipal de Lisboa, Hélia Silva, responsável pela parceria com a Imprensa Nacional. Nesta reunião discutimos algumas das sugestões de alteração, que informação era acessória e qual deveria ficar. Expusemos a nossa preocupação com o excesso de listas e tabelas, que sugerimos que fossem resumidas e apresentadas em texto corrido. Esta sugestão foi apenas parcialmente aceite, já que a autora não se mostrou disposta a abdicar de algumas delas. Pedi também alguns dados em falta na bibliografia, que autora me fez chegar mais tarde. A possibilidade de discutir directamente com a autora os aspectos de revisão pareceu-me mais eficaz do que a troca de comentários em documentos *Word*: ficamos com uma ideia mais clara das intenções do autor e podemos tê-las em consideração ao fazer a revisão. Depois desta reunião, a autora devolveu uma versão com algumas das alterações sugeridas, a qual voltei a rever. A autora devolveu-me uma terceira versão do livro, com algumas das novas sugestões aceites e com uma ordem de capítulos diferente. Voltei a rever o documento, onde apenas ficou em discussão a inclusão de algumas tabelas e listas, das quais a autora não desejava abdicar.

Tendo em conta a extensão do texto (quase 443 mil caracteres), o elevado número de referências bibliográficas (quase 370 entradas), a demora na resposta da autora às alterações sugeridas e a minha inexperiência em revisão, o processo de revisão acabou por se arrastar até ao final do estágio. Pedi, inclusivamente, a prorrogação do estágio até ao fim do mês de Dezembro, para continuar a acompanhar a preparação do livro, o que se mostrou insuficiente. Desse modo, o objectivo inicial ficou por cumprir: não tive oportunidade de acompanhar as restantes fases da edição deste livro.

Tendo em conta a intransigência da autora em aceitar algumas das nossas sugestões, a Imprensa Nacional acabou por dar indicação de que o livro devia seguir para paginação, para não prolongar ainda mais o processo, mas que não concordava com algumas das decisões editoriais. Qualquer processo editorial envolve cedências de parte a parte. O facto de a Imprensa Nacional trabalhar frequentemente em parceria com outras entidades, com responsabilidades e deveres partilhados, evidencia ainda mais esse carácter negocial do trabalho editorial. Este não foi o único caso, durante os três meses do estágio, em que a Imprensa Nacional discordou de algumas opções editoriais tomadas pelas entidades parceiras. Em todo o caso, se os pressupostos mínimos não forem cumpridos, a editora reserva-se o direito de terminar a parceria.

3.3. Dança e Política no Século XX

O plano editorial da INCM para 2024 previa a criação da colecção *Biblioteca de Dança*, cujos primeiros livros seriam *Dançar com o III Reich*, de Laure Gilbert, e *Dança e Política no Século XX*, de Maria João Castro.⁷ À data de redacção deste relatório, ambos os livros ainda estão no prelo. Durante o meu estágio pude apoiar o licenciamento das imagens que serão utilizadas no livro de Maria João Castro.

A autora quis incluir no livro 21 fotografias, de modo a ilustrar alguns exemplos da intrincada relação entre dança e poder no século XX. As imagens chegaram à Imprensa Nacional sem qualquer referência à sua origem ou autoria, tendo sido retiradas de serviços de pesquisa de imagens de acesso aberto. A primeira tarefa era então chegar à autoria das imagens e perceber se estavam ou não em domínio público. Se estivessem, poderíamos usar as imagens sem quaisquer custos, apenas mencionando a sua autoria. Caso contrário, deveria perceber quem detinha os direitos de reprodução das imagens e quais seriam os custos associados à sua reprodução. Em Portugal, o direito patrimonial de uma fotografia caduca 70 anos após a morte do seu autor.⁸ Por último, caso a imagem enviada pela autora não tivesse qualidade suficiente — 300 dpi costuma ser o padrão de referência —, deveria tentar obter uma reprodução de melhor qualidade.

Para chegar à origem das imagens usei o *Google Lens*, a ferramenta de reconhecimento de imagens da *Google*. Pude assim, na maioria das vezes, chegar às

⁷ «Imprensa Nacional Apresentou o Seu Plano Editorial Para 2024», INCM, 20 de Fevereiro de 2024, <https://incm.pt/site/imprensa-nacional-apresentou-o-seu-plano-editorial-para-2024/>.

⁸ «Perguntas frequentes Fotografia», Sociedade Portuguesa de Autores, 13 de Outubro de 2024, <https://www.spautores.pt/faq-fotografia/>.

páginas da internet que usavam as imagens em questão. Quando a autoria das fotografias estava devidamente identificada, tentei entrar em contactos com os autores ou com os seus representantes. Quando tal não se verificava, contactei as entidades que usaram a imagem, na tentativa de perceber quem detinha os seus direitos de reprodução. Troquei *emails* com museus, arquivos fotográficos, fotógrafos, agências de notícias ou bibliotecas, procurando averiguar o estado dos direitos autorais das fotografias, o que nem sempre foi possível.

Quando os arquivos fotográficos detêm os direitos das imagens, pode acontecer que tenham um preço pré-definido para a utilização das fotografias para fins editoriais. Contudo, na maioria das vezes este custo está dependente das características da edição: a imagem será usada na capa ou no miolo? Ocupará toda a página ou apenas parte? Qual a tiragem e distribuição geográfica da edição? Quem é o autor? Qual a editora? Tendo em conta as características deste livro, com uma tiragem prevista de 500 exemplares, na maioria dos casos o custo da utilização de imagens no miolo variava entre os 20 e os 50 euros (sendo que um arquivo fotográfico disponibilizou uma imagem gratuitamente). Excepção foram as imagens que pertenciam ao banco de imagens Getty Images, um dos maiores arquivos de imagens *online*, cujo custo variava entre os 100 e os 150 euros por imagem. A autora desejava também incluir uma imagem retirada do filme *White Nights*, de 1985, distribuído pela *Columbia Pictures*. A empresa norte-americana pediu 379 euros pela utilização da imagem no livro, o que ficou imediatamente fora de questão. Se uma fotografia for utilizada na capa do livro é comum que o custo da sua utilização seja maior, uma vez que é também maior a sua exposição. O *Victoria and Albert Museum* pediu 180 euros pela utilização de uma fotografia do seu catálogo para este fim.

Tendo em conta o considerável número de imagens e o facto de apenas três das imagens iniciais estarem em domínio público, foi necessário pensar em alternativas para diminuir os custos de licenciamento de imagens. Utilizei o repositório *Wikimedia Commons* para procurar imagens semelhantes às inicialmente desejadas pela autora, mas que estivessem livres de direitos de autor. Pudemos assim chegar a uma imagem do filme *White Nights* sem qualquer custo para a editora. Uma das imagens que a autora desejava incluir no livro era uma fotografia da cineasta alemã Leni Riefenstahl com Adolf Hitler, da autoria de Heinrich Hoffmann, cujos direitos eram detidos pela Getty Images. Descobri que o espólio do fotógrafo está arquivado na Biblioteca Estadual da Baviera, em Munique, que o disponibiliza *online* e que detém os direitos dessas imagens. Cheguei então a várias fotografias semelhantes à inicialmente pretendida, que a editora poderia obter por apenas 20 euros a imagem (Anexo 12).

No decorrer do estágio criei um ficheiro *Excel* onde fui actualizando o estado de cada fotografia, a sua origem, a situação a nível de direitos autorais, os contactos relevantes e o preço de aquisição. Este ficheiro permitia, de forma rápida, estimar os custos totais com direitos das imagens e monitorizar o progresso do trabalho. A coordenação editorial deste livro estava a cargo do Afonso Reis Cabral, com quem partilhei este ficheiro. À data em que terminei o estágio a Paula discutia com a autora e com o coordenador científico, José Sasportes, que imagens deveriam então integrar o livro, com base nas alternativas que apresentei e no orçamento previsto.

3.4. Riso, Troça e Aplauso

Outro dos livros com lançamento previsto para 2024 era *Riso, Troça e Aplauso*, de Maria Virgílio Cambraia Lopes, dedicado às representações satíricas de escritores portugueses entre os séculos XV e XIX. A autora pretendia incluir no livro mais de 600 caricaturas provenientes da sua colecção pessoal de periódicos antigos. Contudo, a maioria das imagens que a autora enviou à Imprensa Nacional não tinham qualidade suficiente: não eram digitalizações, mas sim fotografias tiradas com o telemóvel, algumas desfocadas ou com sombras visíveis, sem os 300 dpi necessários para uma impressão de qualidade (Anexo 13).

Clara Vilar, a editora responsável pelo livro, questionou a autora sobre a possibilidade de obter reproduções de maior qualidade ou de, caso não conseguisse, nos fazer chegar os periódicos, para que a Imprensa Nacional as pudesse fazer. A autora respondeu que as fotografias tinham, sim, qualidade suficiente, pois já haviam sido utilizadas em livros anteriores, e que, sendo a colecção composta por um elevado número de periódicos raros e antigos, não estava disposta a transportar a colecção de Braga para Lisboa. Atendendo à intransigência da autora, a Clara decidiu que o melhor a fazer seria tentar obter as reproduções das imagens por outra via. Catalogou todas as imagens do livro num ficheiro *Excel*, onde indicou se tinham qualidade suficiente e qual a sua origem. Partiu então para a pesquisa por reproduções de qualidade em hemerotecas, arquivos e bibliotecas.

Nas primeiras semanas do meu estágio ajudei a editora Clara Vilar na procura de reproduções de maior qualidade destas imagens. Primeiro, fiquei responsável por localizar na Hemeroteca Digital de Lisboa cerca de 60 imagens, para que pudéssemos chegar à página onde as caricaturas apareciam e assim pedir digitalizações de qualidade. A autora não indicou na bibliografia a página do periódico de cada imagem e em alguns casos a data do periódico não correspondia à verdadeira, o que dificultou a procura. Feita

esta pesquisa, tentei chegar à origem de outro conjunto de imagens, cujos periódicos não constavam no arquivo da Hemeroteca Municipal. Encontrei a maioria dos periódicos na Biblioteca Nacional, identifiquei as cotas dos números em questão e pedi as reproduções das páginas pretendidas. Nem todos os números estavam digitalizados, por se tratar de documentos muito antigos e sensíveis, pelo que reuni com a Clara todas as cotas que necessitávamos e deslocámo-nos à Biblioteca Nacional para procurar as imagens pretendidas e obter as respectivas reproduções.

3.5. Outras aprendizagens

Durante o estágio pude conhecer o trabalho de várias áreas da empresa, como a unidade de produção de moedas ou a contrastaria, responsável pelo ensaio e marcação de artigos com metais preciosos.⁹ Contudo, fora da Unidade de Edição e Cultura, as aprendizagens mais relevantes no contexto da minha formação foram as que adquiri nas visitas à gráfica e à pré-impressão. É um privilégio para qualquer editora ter uma relação de proximidade com a gráfica onde imprime os seus livros e com os profissionais responsáveis pelo indispensável trabalho de pré-impressão. No caso da Imprensa Nacional essa proximidade não podia ser mais literal: temos de passar pelo meio da gráfica para chegar ao *open space* onde está a editora, que partilha o piso com o gabinete de pré-impressão. Ao contrário do que esperava, a maioria dos livros da Imprensa Nacional não são impressos na gráfica da INCM, tão-pouco a impressão de livros é a principal actividade da gráfica. Como já referi, a INCM é responsável pela impressão dos documentos oficiais do Estado português, essa é a sua principal ocupação: imprimir cartões de cidadão, passaportes, livros de reclamações, multas, boletins de voto, etc. Contudo, quando a gráfica tem disponibilidade e o trabalho não é demasiado complexo, a Imprensa Nacional imprime os seus livros na gráfica da INCM. Estando a empresa dotada de equipamentos de impressão *offset* e de profissionais com conhecimentos em artes gráficas, perguntei à minha orientadora se seria possível fazer uma breve visita à pré-impressão e à gráfica, para melhor ficar a conhecer o processo de produção de livros, o que acabou por acontecer.

O gabinete de pré-impressão faz a ponte entre a pessoa responsável pelo *design* e a gráfica — é da sua responsabilidade fazer uma análise crítica das características exigidas pela editora, para que o trabalho final tenha a maior qualidade possível e corresponda às

⁹ «Apresentação da Contrastaria Portuguesa», Contrastaria, 29 de Abril de 2020, <https://contrastaria.pt/institucional/apresentacao/>.

espectativas do requerente. Para todos os livros a pessoa responsável pela coordenação editorial elabora uma ficha com as especificações materiais do livro: tamanho do livro, número de páginas, tipo de capa (mole ou dura), tiragem, cores utilizadas (definidas pelo sistema Pantone®), fontes, etc. A pré-impressão analisa estas especificações e o ficheiro PDF com a arte-final¹⁰, verificando se as cores estão no padrão correcto (CMYK e não RGB) e se as fontes estão embebidas no PDF, caso contrário o *software* substitui a fonte por outra conhecida. É feita uma verificação às cores utilizadas para evitar problemas de *overprint*, fenómeno que ocorre quando a sobreposição de duas cores cria uma cor indesejada. Isto acontece, por exemplo, quando se imprime texto a preto sobre um fundo vermelho, dando ao texto um tom acastanhado. Nestes casos a pré-impressão pede autorização ao *designer* para «abrir o fundo», isto é, retirar a cor do fundo nas zonas que irão acolher texto.

Feita esta verificação, o *software* faz a divisão do ficheiro em cadernos e define o aspecto final das chapas. Se se tratar de uma impressão a cores, serão necessárias quatro chapas, uma para cada cor CMYK. O gabinete de pré-impressão possui uma máquina CTP (*Computer To Plate*), que produz as chapas com base nos ficheiros TIF gerados pelo *software*. Estando as chapas prontas, descem um piso e passam para os colegas da gráfica, responsáveis pela impressão.

A Unidade Gráfica da INCM está dividida em duas: a gráfica e a gráfica de segurança. Esta última é responsável pela impressão de documentos de segurança, como cartões de cidadão, passaportes ou selos fiscais para tabaco e bebidas. A gráfica de segurança opera em duas instalações: uma no edifício da Imprensa Nacional, outra no edifício da Casa da Moeda. Embora também tenha visitado a gráfica de segurança, focar-me-ei nas aprendizagens que fiz na gráfica, mais relevantes para o contexto de trabalho editorial. Acompanhei algumas fases da concepção de um livro da colecção *Partituras Património Lírico Português*.

Quando iniciei a visita já o miolo tinha sido impresso. O miolo era simples, sem nenhuma cor além do preto. Faltava então imprimir a capa vermelho-escura, com letras a branco e uma imagem em tons de dourado. Os colegas da gráfica fizeram a tinta «à mão», misturando quantidades específicas de diferentes tintas-base, já que o vermelho não era uma cor *standard* de que dispunham. Feita a tinta, colocaram-na depósito da impressora, sobre o cilindro que aloja a chapa. A capa foi impressa numa impressora *offset* com capacidade para quatro cores, sendo que a gráfica dispõe de outra impressora com capacidade para seis cores. Colocada a chapa na posição correcta, os colegas fizeram

¹⁰ Designação dada ao trabalho gráfico pronto para impressão.

algumas impressões para teste. Um dos colegas fez uma verificação de cor, comparando a cor da capa com o a cor do *pantone* selecionado. Feita a verificação, a impressão prosseguiu e em alguns minutos as capas estavam prontas.

Dei então uma volta pela gráfica, que está equipada com uma extensa panóplia de equipamentos, dos quais irei mencionar apenas os que estão mais relacionados com a produção de livros. A gráfica dispõe de uma máquina para dobrar papel, que produz os cadernos, uma máquina para coser os cadernos, outra que faz a colagem dos cadernos e da capa e ainda uma máquina para cortar papel. Dispõe também de uma impressora digital, que faz trabalhos com menor tiragem ou de menor complexidade, como folhetos ou pequenas revistas.

Outro tipo de aprendizagens, bem diferentes das que acabo de mencionar, fi-las não na gráfica, mas na biblioteca da Imprensa Nacional. Sendo a comunicação e promoção partes essenciais do trajecto de um livro, destaco também as várias apresentações de livros a que pude assistir no decorrer do estágio. Foram quatro¹¹ no total e contaram sempre com, pelo menos, três intervenientes: alguém da Imprensa Nacional (geralmente o director Cláudio Garrudo ou o administrador Duarte Azinheira), responsável por apresentar a editora e a colecção em questão; uma pessoa convidada, encarregada de apresentar e fazer considerações sobre o livro; e o autor (ou organizador, dependendo do tipo de publicação), disponível para falar sobre o processo de criação do livro. Esta organização e distribuição de tarefas resultaram em apresentações informativas, não demasiado longas ou divagantes (como frequentemente acontece), que despertavam o interesse da audiência. Ensinamentos que poderei aplicar caso um dia organize eventos do género.

¹¹ *Uma Carta à Posteridade*, Jorge de Sena e Alexandre O'Neill, de Joana Meirim; *Ostensivo e Reservado*, *Leituras de Pessoa*, de Pedro Sepúlveda; o 12.º número da revista *Granta em Língua Portuguesa*; e *O Essencial sobre Natália Correia*, de Luiz Fagundes Duarte.

4. Considerações finais

Como pude expor, a Imprensa Nacional tem particularidades que a distinguem da maioria das editoras no contexto editorial português, desde logo o seu financiamento e modelo de negócio. A editora integra uma empresa pública com áreas de negócio bastante lucrativas, como a venda de passaportes ou cartões de cidadão. Não tendo acesso às informações financeiras da editora, creio que é plausível considerar que apenas consegue assegurar os encargos com pessoal e a edição deste tipo de livros porque é suportada por uma estrutura maior. Nesse sentido, senti que estive num ambiente de aprendizagem privilegiado, onde há pessoas e meios suficientes para dar à estampa livros de qualidade, de forma rigorosa e cuidada. Isto não significa que haja falta de trabalho para as editoras ou que um livro possa atingir custos exorbitantes — o trabalho dos editores externos é pontual e editar 70 livros por ano requer bastante esforço. Ainda assim, não estando submetida a pressões de mercado, a Imprensa Nacional oferece condições dignas e os meios necessários aos seus trabalhadores. O ambiente de trabalho é tranquilo e todos os colegas foram compreensivos com as minhas limitações de «aprendiz».

Terminei o estágio com a sensação de que me envolvi construtivamente na edição destes quatro livros, que não fui um mero espectador que, desejoso de aprender, só atrasa o processo — o meu maior receio. Considero que o estágio foi uma ótima iniciação à prática profissional no meio editorial, mas que ainda assim muito ficou por fazer. Dificilmente poderia realizar algumas das tarefas que tinha expectativa de vir a executar — relacionadas com distribuição de livros, comunicação da editora ou com contratos de edição — pela própria distribuição de tarefas na Imprensa Nacional, já que não são responsabilidades dos editores. Não obstante, senti que o trabalho que fiz não foi necessariamente o mesmo que as minhas colegas editoras estavam a fazer. Passei grande parte do estágio a fazer revisão de texto, algo que as minhas colegas não faziam frequentemente. Acredito que, se a revisão de *Augusto Vieira da Silva. Engenheiro Olisipógrafo* não se tivesse prolongado tanto, provavelmente teria feito outro tipo de tarefas: revisão de artes-finais, provas ou *plotters*, redacção de paratextos ou diálogo com *designers* e gráficas. Atribuo a responsabilidade deste atraso essencialmente à minha inexperiência em revisão, mas as características do texto original e a demora na resposta por parte Câmara Municipal de Lisboa não ajudaram.

O estágio foi uma experiência enriquecedora, onde aprendi muito e pude aplicar alguns conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado em Edição de Texto: os aspectos do universo editorial abordados nas aulas de Teoria e Técnicas de Edição, as bases da

tipografia exploradas nas aulas de Informática para a Edição ou a pesquisa de periódicos e documentos antigos necessária à elaboração do trabalho de História do Livro. A par de Crítica Textual e Poéticas Contemporâneas, senti que estas unidades curriculares me deram as ferramentas basilares para a prática profissional na área da edição. Contudo, considero que só no estágio pude consolidar estas aprendizagens, pela necessidade de lidar com desafios concretos da actividade editorial. Ficaram por explorar no mestrado técnicas de preparação de texto e de revisão linguística, competências que acabaram por ser essenciais no decorrer do estágio.

5. Bibliografia

Barreno, Maria Isabel. *Crónica do Tempo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.

———. *O Senhor das Ilhas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

———. *Vozes do Vento*. Lisboa: Sextante Editora, 2009.

Cintra, Luís F. Lindley e Celso Cunha. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

Hochuli, Jost. *Detail in Typography*. Londres: Hyphen Press, 2008.

Constrastaria. «Apresentação da Constrastaria Portuguesa», 29 de Abril de 2020. <https://contrastaria.pt/institucional/apresentacao/>.

INCM. «História», 23 de Maio de 2023. <https://incm.pt/site/historia/>.

———. «Imprensa Nacional apresentou o seu Plano Editorial para 2024», 20 de Fevereiro de 2024. <https://incm.pt/site/imprensa-nacional-apresentou-o-seu-plano-editorial-para-2024/>.

Lourenço, Tiago Borges e Raquel Seixas. *Júlio de Castilho, Mestre da Lisboa Antiga*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2024.

Ramalho, Margarida de Magalhães. *José Sarmiento de Matos, Um Abastecedor de Memórias*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2023.

Sociedade Portuguesa de Autores. «Perguntas frequentes Fotografia», 13 de Outubro de 2024. <https://www.spautores.pt/faq-fotografia/>.

Vários. *The Chicago Manual of Style*. 17.^a edição. Chicago: The University of Chicago Press, 2017.

6. Anexos

Até ao fim da sua vida foi só pai de Jorge, e continuo, e esposo regular. Toda a sua confirmava, portanto, a onnipotência do Estado. O Estado sobrevivera à queda da catástrofe muito sentida por ele e pela mulher; o Estado continuara, imperturbável acima dos desmandos da república, pronto a acolhê-lo. O Estado é o melhor patrão.

Maria das Dores dizia que, mesmo assim, preferia os reis. Eram tão bonitos. retratos na sala, com molduras douradas: o rei D. Carlos, o príncipe D. Luis Filipe Manuel. Falta-me a D. Amélia, dizia, era tão boa senhora, tão distinta, e contav

... sua vida foi só pai de Jorge, e continuo, e esposo regular. Toda a sua experiência confirmava, portanto, a onnipotência do Estado. O Estado sobrevivera à queda da monarquia, catástrofe muito sentida por ele e pela mulher; o Estado continuara, imperturbável, pairando acima dos desmandos da república, pronto a acolhê-lo. O Estado é o melhor patrão.

Maria das Dores dizia que, mesmo assim, preferia os reis. Eram tão bonitos. Tinha três retratos na sala, com molduras

Anexo 1: À esquerda o documento Word emendado, à direita o documento PDF com o texto original. O ponto e vírgula foi incorrectamente assumido como uma vírgula.

Mais ou menos assim discursa Jorge defronte de **Â**Angela, que se admira, e depois lhe fixa as mãos de velho, as manchas castanhas na pele, está senil. Esforça-se por falar ainda mais alto, mais pausadamente, compassivamente. A quem o ouça, parece**ê** até que o senhor viveu esses

Anexo 2: Erros no reconhecimento óptico de acentos.

Aos trinta e cinco anos, Fernanda tinha oito filhos e exigia deles **urnauma** estrita compensação do sacrifício que por eles fizera. Os filhos, que entre si se disputavam arduamente,

Anexo 3: Erro no reconhecimento óptico de letras. OCR trocou a letra m pelo par de letras rn.

podiam estar certos.

A falta de argumentos conduzia D. Aniceto de novo às suas histórias encade circulos **concêntricos**. **Anieeto** Voltavam os piratas e corsários, os muitos ataque barcos estrangeiros que vinham fazer suas provisões tranquilamente, sem pedir lic de se alongar sobre **Cassart**, o pirata francês que tão recente e frequentemente atac

A falta de argumentos conduzia D. Aniceto de novo às suas histórias encadeadas, aos seus círculos concêntricos. Voltavam os piratas e corsários, os muitos ataques às ilhas dos barcos estrangeiros que vinham fazer

Anexo 4: À esquerda o documento Word emendado, à direita o documento PDF com o texto original. A palavra «concêntricos» não foi reconhecida pelo OCR, que introduziu uma palavra não existente no texto original, «Aniceto».

numa conversa com Margarida. Ant**ô**ênio quer discutir negócios com o cunhado. Agora não, pá. Dizes sempre isso, António insiste. Jorge passou algumas das suas empresas, ou a parte que nelas tinha, para os filhos. As decisões deveriam estar nas mãos de Diogo e António. Este vive a

Anexo 5: Espaço entre caracteres não assinalado no processo de reconhecimento óptico.

colara o ouvido à porta. Cada um tinha ~~deque~~ trazer novidades mais recentes, mais incandescentes, no balcão da leitaria da esquina, cujo maior negócio era, aliás, a venda de copos de vinho branco. Aí parava a fama e a infâmia de D. Mirai. Como se houvesse uma muralha

Anexo 6: Incorrecto emprego da expressão «ter que» no livro Crónica do Tempo de Maria Isabel Barreno (Editorial Caminho, 1990).

sempre ao vazio e ao conflito, a relações múltiplas e variadas, também sem qualquer sentido. Milu sonhara com amor e companheirismo: se Diogo tivesse ~~aceitad~~ o seu regresso ela teria descoberto nesse gesto o sentido da vida.

Anexo 7: Incorrecto emprego do particípio passado do verbo aceitar no livro Crónica do Tempo de Maria Isabel Barreno (Editorial Caminho, 1990).

1896», *Diário do Governo*, n.º 82 (14 abr. 1896), p. 907.

¹³¹ O Montepio Oficial foi aprovado pela Carta de Lei de 2 de julho de 1867 (~~estatutos aprovados em 1870~~). Seguiram-se várias reformas, a mais importante em 1904. Segundo Vasco Rosendo, a ideia de criar uma associação de apoio a

Anexo 8: Exemplo de sugestão de alteração a excerto considerado pouco relevante no livro Augusto Vieira da Silva. Engenheiro Olisipógrafo.

Faziam parte da *Engenharia militar* (com as respetivas divisões em partes): a 1.ª ~~Cadeira~~cadeira (1.ª e 3.ª partes) — Legislação e administração militares; Noções de Direito Internacional; a 2.ª ~~cadeira~~ (exceto a 6.ª parte) — Balística, Tática, Estratégia, Política Militar e Crítica de guerra; a 3.ª ~~cadeira~~ — Fortificação passageira; Fortificação permanente; Ataque e defesa das armas; a 4.ª ~~cadeira~~ (4.ª parte) — Munições de guerra; Balística; a 5.ª ~~cadeira~~ (1.ª e a 2.ª partes) — Materiais de construção; Fotografia e as suas aplicações aos usos militares; a 6.ª ~~cadeira~~ — (Resistência e estabilidade dos materiais); a 7.ª ~~cadeira~~ — (Arquitetura; Pontes); a 8.ª ~~cadeira~~ — (Estradas; Telegrafia); e a 9.ª ~~cadeiras~~ ~~completas~~ — Geodesia prática; Topografia; Reconhecimentos militares). Pela reforma de 1863, o estudo da língua inglesa tornou-se obrigatório para todos os alunos. ~~Mais~~ tarde ~~acrescentou-se também~~ Higiene militar e Hipologia⁶⁹ viriam a ser acrescentadas ao plano de estudos.

João Narciso
A explicação do plano curricular (e sua alteração) parece-nos exaustiva. Do ponto de vista editorial, não é relevante.
31 de outubro de 2024, 17:06

Anexo 9: Exemplo de sugestão de alteração a excerto considerado pouco relevante no livro Augusto Vieira da Silva. Engenheiro Olisipógrafo. A autora descreve na íntegra o plano curricular do curso de Engenharia Militar e a sua posterior alteração, quando Augusto Vieira da Silva estava no segundo ano do curso.

1.ª cadeira (Aritmética, Álgebra elementar, Geometria sintética e algébrica e Trigonometria)	14 valores
2.ª cadeira (Álgebra transcendente, Geometria analítica, Cálculo diferencial e integral e Princípios de cálculos)	18 valores
3.ª cadeira (Mecânica e suas aplicações às máquinas)	19 valores
4.ª cadeira (Astronomia e Geodesia ⁽¹⁾)	15 valores
5.ª cadeira (Física experimental e Matemática)	16 valores

João Narciso ⋮ ✎ 📌

Esta tabela parece-nos demasiado exaustiva, pelo que, editorialmente, não nos parece relevante manter.

Responder

Anexo 10: Exemplo de sugestão de remoção de informação identificada como editorialmente pouco relevante no livro Augusto Vieira da Silva. Engenheiro Olisipógrafo. A autora apresenta a tabela completa com as classificações de Augusto Vieira da Silva no curso de Engenharia Militar.

Armado projectados e executados sob a direcção de Augusto Vieira da Silva²²⁶ [Segue abaixo a transcrição integral, respeitando a grafia do autor, mas incluindo notas de rodapé: FIG 33](#)

[1910]

1. — PAVIMENTO DE UM CELEIRO E TULHAS PARA CEREAEs — Conde de Moser²²⁷ — Charneca, no concelho de Cascaes — 14mX5m,8 — sobrecarga 1.000 kg/m².
2. — COBERTURA DO MESMO — 14mX5m,8 — sobrecarga 100 kg/m².
3. — COBERTURA DE UM TANQUE — Conde de Burnay²²⁸ — Horta Navio, em Alcântara, Lisboa — 22m,9X8m,1 — Sobrecarga 300 kg/m².
4. — PAVIMENTO — Companhia dos Cimentos de Portugal²²⁹ — Fábrica de cimento na Raseca, concelho de Setúbal — 6mX6m+18mX4m — Sobrecarga 2.000 kg/m².
5. — TABIQUES DIVISÓRIOS — no mesmo sitio.
6. — COBERTURA DE UMA VACCARIA E MANGEDOURA — Visconde de S. João Nepomuceno²³⁰ — R. da Paschoa, em Lisboa — 8m,8 X 4m,4 — Sobrecarga 300 kg/m².

João Narciso
Formatada: Normal, Sem marcas nem numeração

No parágrafo seguinte já é feita uma síntese dos diferentes tipos de trabalhos de Vieira da Silva. Assim sendo, não vemos como pertinente esta lista, que sugerimos retirar. A imagem irá ilustrar a especificidade da lista, pelo que o leitor lerá melhor esta informação em texto corrido do que numa lista com bastantes números, unidades e grafia antiga. Poderão manter a informação que considerarem relevante das notas de rodapé no corpo do texto. Como está, a lista iria ocupar um número significativo de páginas e sair do espírito dos restantes livros da colecção.

20 de dezembro de 2024, 09:32

Responder

Anexo 11: Exemplo de sugestão de remoção de informação identificada como editorialmente pouco relevante no livro Augusto Vieira da Silva. Engenheiro Olisipógrafo. A autora apresenta uma lista com as obras em betão armado feitas sob a direcção de Augusto Vieira da Silva, no período entre 1910 e 1919.



Anexo 12: À esquerda a fotografia de Leni Riefenstahl com Adolf Hitler escolhida pela autora. À direita uma das fotos disponíveis na Biblioteca Estadual da Baviera que sugeri (trata-se de uma amostra e não da reprodução final, o que explica a fraca qualidade da imagem).



Anexo 13: Uma das caricaturas enviadas pela autora à Imprensa Nacional. A imagem não tem qualidade suficiente para impressão (apenas 72 dpi), está desfocada e é visível uma sombra. A caricatura consta numa edição do periódico A Algazarra de 1902, presente no catálogo da Biblioteca Nacional.